

OS DOSE

UMA SÉRIE SOBRE OS DISCÍPULOS

Marcos Senghi Soares
Julho/2020



OS ARTICULADOS: MATEUS, ANDRÉ, FILIPE, TOMÉ

Levi ou Mateus (Lucas 5:27-29)

Como publicano, estava a serviço do governo de ocupação romana. Pertencia a uma classe de má fama e péssima reputação. Ser um publicano era sinônimo de traição da pátria, roubo e desonestidade. Eram considerados desprezíveis e colocados ao lado de prostitutas e ladrões.

Por essa razão, Mateus vê no chamado inusitado do Mestre para segui-lo uma oportunidade única na vida. “Deixar tudo e seguir a Jesus” representou uma perda imensa do ponto de vista pessoal e material. Porém, a chance de começar uma vida que valia a pena não tinha como ser aquilatada com os bens materiais que ele tinha amalhado em sua carreira como publicano.

Ele fez questão de testemunhar aos seus antigos companheiros de profissão que agora ele seguia a Jesus. Toda a galera da coletoria de impostos está na festa. Por sinal, ele não menciona isso no seu Evangelho (Mateus 9:9-10), mas ele deu um “grande banquete” para marcar sua despedida da velha vida e seu ingresso como discípulo de Jesus.

Como será que tratamos e encaramos as pessoas de passado sujo que querem seguir a Cristo? Será que olhamos para eles com olhar desconfiado ou entendemos que eles são tão merecedores quanto nós (que nos consideramos os Senhores e Senhoras Perfeitos) do castigo eterno? Só somos aceitos por causa da graça de Deus. Não existem pessoas especiais no céu. Aliás: quem de nós tem uma ficha corrida notável ou uma vida pregressa totalmente limpa?

André

A respeito dele temos algumas informações a mais, embora poucas. Quase sempre que aparece, é identificado como “irmão de Simão”. De certa forma, ficou na penumbra daquele que se tornaria bem mais famoso. No entanto, nas rápidas menções sobre André nos Evangelhos, aprendemos algumas coisas muito interessantes.

Por exemplo, quando ouviu que Jesus era “o Cordeiro de Deus” (João 1:40-42), deixou João Batista e imediatamente seguiu a Cristo. Era um ato expresso de fé e de reconhecimento de Jesus como o Cristo. Por isso, também, aprendeu rapidamente a levar as coisas e as pessoas ao Senhor. Primeiro, levou seu irmão Pedro. Foi uma mensagem curta, simples, mais cheia de convicção: “ACHAMOS O MESSIAS”. Anos mais tarde, o apóstolo Pedro pregaria no dia de Pentecostes e 3.000 se converteriam. Onde tudo começou? No evangelismo pessoal de André.

Mais tarde levaria cinco pães e dois peixes (João 6:8-9). Depois, junto com Filipe leva uns gregos que queriam conversar com Jesus (João 12:20-22). Em cada caso, foi instrumento para que Jesus operasse grandes maravilhas.

Felipe

Este do grupo dos Doze não é o mesmo que aparece em Atos como evangelista. Trata-se de outro Felipe. Sabemos que ele era conterrâneo de Simão e André (João 1:44) e tinha uma personalidade um tanto expansiva, já que várias vezes ele aparece dando sua opinião ou fazendo suas colocações.

Ele estava sendo muito criterioso na sua busca pelo Messias (João 1:43-46). A conversa com Natanael (talvez o Bartolomeu) indica uma pessoa que estudava atentamente as Escrituras para conhecer as características que ela indicava a respeito do Messias (v.45).

No episódio de João 6:5-7, Felipe é testado em seu pragmatismo. Ele era bom para fazer contas, mas não considerava na equação o que Jesus era capaz de fazer. Ainda precisava aprender que o planejamento que não leva o poder de Deus em conta, não consegue muito mais do que gráficos e relatórios.

No episódio de João 14:8, Felipe demonstra novamente que para ele interessava ver a coisa funcionar. Se Jesus tão somente deixasse as coisas em pratos limpos, estava ótimo. Ambos os casos demonstram que cada uma a seu modo, todos os discípulos tinham uma tremenda limitação e dificuldade para compreender a missão de seu Mestre e Senhor.

No episódio em que os gregos querem ver a Jesus, em João 12:20-22, talvez a origem étnica do seu nome os tenha identificado consigo. Em dúvida sobre o que fazer, pede auxílio a André. Este já estava mais acostumado com esse negócio de levar pessoas a Cristo.

Tomé

Ficou famoso como aquele que “não creu”. Como disse certa vez o escritor Charles Swindoll (numa citação livre), de início nenhum dos discípulos creu (Mateus 24:11), porém o estigma de “descrente” ficou apenas sobre Tomé (João 20:24-29).

Tomé perdeu a primeira chance de ver o Senhor ressurreto. Por algum motivo, ele não estava lá na primeira reunião. Jesus lhe deu uma segunda chance uma semana depois e, mesmo vacilante, ele a aproveitou e creu.



Antes disso, porém, há um incidente com Tomé, menos famoso, em João 11:15-16. Aparentemente, ele demonstra solidariedade com o amigo Lázaro e uma coragem inusitada. Se Lázaro morreu, quem sabe foi por causa dos judeus que queriam matar Jesus e acabaram matando o amigo? Então, sua proposta seria de que fossem lá para morrer com ele!

Finalmente, Tomé aprendeu que a fé não era baseada em “ver” ou “tocar”, até porque o que se vê não é fé, mas vista. Sua relação passou a ser baseada numa relação de confiança com aquele que é Deus e Senhor; mais que isso, “seu” Senhor e “seu” Deus.

Mais uma vez, encontramos homens comuns, com dúvidas, vacilos, incompreensões, idiosincrasias e imperfeições. Jesus os transformaria e poderia usá-los apesar de tudo isso. Fica a lição da graça: um homem marcado como Levi pode se tornar o evangelista Mateus. Um homem descrente como Tomé pode ser tornar um dos guardiões da fé.